



<http://dx.doi.org/10.30681/real.v11i2.2523>

O PROCESSO DE REFERENCIAÇÃO DISCURSIVA NA PÁGINA DO IG SOBRE A ELEIÇÃO 2014

Neilton Farias LINS (IFAL)¹

Resumo: Adotamos neste artigo a concepção textual-discursiva, interativa e sociocognitiva, defendendo a ideia de que o sentido é uma construção interativa, dinâmica, que se realiza por meio de sujeitos que mobilizam seus modelos de mundo devido à proeminência da interação. Assim, o leitor/falante é impelido não somente a criar estratégias de ordem cognitivo-discursiva, com o intuito de construir conjecturas, legitimar ou não essas conjecturas, mas também completar as lacunas que o texto/fala exhibe, até aproximar-se de uma certa compreensão. Para que isso aconteça, é necessário que, na produção desse sentido, o escritor/falante faça uso de estratégias de referenciação, tais como: introdução, condução, retomadas de elementos de referenciação. Para tanto, defendemos que o redator da Página do IG faz usos dessas estratégias para construção do sentido do texto. Para que a discussão sobre a temática da referenciação seja realizada, apresentamos inicialmente uma revisão da literatura que trata da questão. Em seguida, discutimos as estratégias de referenciação, observando o *corpus* provindo dessa página, mais especificamente a que aborda as eleições de 2014. Como resultado, observamos como os textos estudados têm demonstrado que a escolha feita do léxico, com intuito de referenciar os objetos de discurso, imprime características linguísticas que esclarecem ao leitor quais os propósitos comunicativos do redator.

Palavras-Chave: Referenciação. Texto. Sentido.

Abstract: We have adopted in this paper a discursive, interactive and sociocognitive textual design, defending the idea that meaning is an interactive, dynamic construction, which is subject to mobilize their world's models due to interaction's prominence. Thereby, the reader/speaker is motivated not only to create strategies in a cognitive-discursive way to build conjectures, justify or not these conjectures, but also complete the gaps that text/speech displays, even approaching a certain enlightenment. For happen, it is necessary, in the meaning's production, the writer/speaker make use of referencing's strategies such as: introduction, conduction, referencing elements' repeated. Therefore, we believe that IG's Page Writer, uses these strategies for construction of text's meaning. For discussion about referencing's theme is performed, we present an initial literature's review that deals with the issue. Then, we discuss the strategies of referencing, observing the corpus coming from this page, more specifically that covers 2014 elections. As a result, we observed how the texts used has shown the lexicons choice, aim to reference the discourse's object, overprint linguistic characteristics able to clarify to reader which the writer's communicative intentions.

Keywords: Reference. Text. Meaning.

¹ Mestre em Linguística pela UFAL, Professor de Língua Portuguesa de Instituto Federal de Alagoas – Santana do Ipanema - AL



INTRODUÇÃO

Produzir texto é, antes de tudo, produzir sentidos. Sentidos que, vez por outra, podem ser captados ou não, o que vai depender dos processos usados na respectiva construção de sentidos. Uma das maiores dificuldades na leitura ou na ligação de partes de um texto compreende, precisamente, os fatores decorrentes dos processos de retomadas de referentes na progressão textual. Koch e Marcuschi (1998, p. 02) lembram que o texto “se organiza e progride com base em dois processos gerais: (1) sequencialidade e (2) topicidade.” Para os respectivos autores, o primeiro compreende a *progressão referencial* e o segundo a *progressão tópica*. Este texto pretende deter-se ao primeiro processo, embora se tenha a compreensão que, de forma geral, tais processos estão imbricados.

A compreensão do processo de referenciação tem um peso muito significativo na produção de um texto, ou mesmo do sentido, uma vez que, no processo da escrita e da leitura, tanto quem se propõe a escrever como quem se propõe a ler, não se dá conta de ter esquecido um referente mencionado no parágrafo anterior, principalmente se forem introduzidos sucessivos referentes, ficando aquele em *stand by*, o que, de modo geral, pode levar o escritor e o leitor a perderem uma importante linha de raciocínio, o que, conseqüentemente, gera uma complexa interrupção no processo de apropriação do sentido.

Tal estratégia de referenciação é nomeada por Koch e Elias (2008, p. 126) como “desfocalização/desativação”, processo em que um novo referente é adicionado ao texto/parágrafo, fazendo com que o anterior perca o foco. Cabe salientar que, para as referidas autoras, a perda de tal foco não significa exclusão do objeto de discurso do texto/parágrafo e que, dependendo do escritor/falante, este poderá receber o foco novamente, o que significa que “ele continua disponível para utilização imediata na memória dos interlocutores.”

Esse problema, além de discursivo, pode também ser de ordem morfossintática, porque, às vezes, o escritor chega a fazer uso de concordâncias e/ou regências de forma incongruentes, por não fazer recuperação do referente introduzido anteriormente, ou em



parágrafo diferente, razão que nos leva a defender que existe uma ligação entre as relações de natureza textual e as relações morfossintáticas e semânticas que se constroem entre os enunciados.

A apropriação do sentido de um texto pode provocar semânticas diferentes. Uma das principais formas dessa apropriação diz respeito à dificuldade de o leitor/ouvinte distinguir se as informações novas delineadas no texto se referem a um mesmo referente ou a um referente distinto, o que pode levar o leitor/ouvinte a não inferir como desejado previamente pelo escritor/falante. No entanto, a produção de sentido de um texto não pode incidir tão somente na identificação de informações ou intenções do escritor/falante, uma vez que tal atividade constitui uma ação conjunta entre o escritor/falante e o leitor/ouvinte.

Tal pensamento é também observado por Marcuschi (2008, p. 233) quando lembra que “para que se compreenda bem um texto, tem-se que sair dele, pois o texto sempre monitora seu leitor para além de si próprio e esse é um aspecto notável quanto à produção do sentido.” Logo é imprescindível reconhecer que, para produzir o texto, convém vê-lo como se ele falasse sobre temas ou tópicos de modo coerente, em que os sentidos se integram em um todo significativo, fazendo uso de formas adequadas das estratégias de referenciação.

REFERENCIAÇÃO

A referenciação (...) não privilegia a relação entre as palavras e as coisas, mas a relação intersubjetiva e social no seio da qual as versões do mundo são publicamente elaboradas, avaliadas em termos de adequação às finalidades práticas e às ações em curso dos enunciadore. (KOCH, 2005b, p. 34).

A vertente que será adotada neste trabalho está fundamentada na concepção sociointerativa em que o domínio referencial ativo mecanismos de retomada e remissão que estabelecem as relações fóricas (anáfora e catáfora). Já se reconhece que o processo de referenciação suscita, sobretudo, a construção da progressão referencial e não considera como obrigatória a retomada a referentes já introduzidos anteriormente, assim como a manutenção completa do respectivo referente, uma vez que a conexão referencial é constituída em um sistema de encadeamentos como uma rede multidimensional.

Para refletir sobre o processo de referenciação, como bem discorre Roncarati (2010, p. 55) é preciso antes fazer uma distinção significativa entre referir, retomar, remeter, o que



se justifica pelo fato de que, de modo frequente, tais verbos são tomados com mesma identidade semântica, sendo usados como sinônimos. A esse respeito Koch (2004, p. 59) enfatiza que se trata de algo essencialmente diverso, e que

- (a) a retomada implica remissão e referenciação;
- (b) a remissão implica referenciação e não necessariamente retomada;
- (c) a referenciação não implica remissão pontualizada nem retomada.

A seu turno, Roncarati (2010, p. 55) acrescenta mais um verbo a essa discussão, o *aludir*. Para a respectiva autora, o verbo *aludir* “envolve algum tipo de associação ou extensão referencial, de modo vago e indireto, não apresentando antecedente contextual e subentende remissão a um elemento de conhecimento socialmente compartilhado, ativando um objeto de discurso implícito”. Assim, a referenciação é constituída como uma construção colaborativa de objetos de discurso.

Nesse aspecto, tem-se que não se constitui uma condição imperativa da textualidade a conexão de forma linear dos elementos linguísticos, porquanto a textualização ocorre num processo de multilinearização. Nesse domínio, residem categorias, tais como *correferenciação*, *cossignificação* e *(re)categorização*. Roncarati (2010, p. 52) apresenta as seguintes definições para as categorias elencadas:

Correferenciação constitui uma retomada de um mesmo referente, através de repetições, sinônimos ou designação alternativa (apelido,) e elipse, implica identidade material absoluta, mas não sinonímia lexical absoluta. A *cossignificação* constitui uma relação de identidade léxico-semântica, sendo material absoluta, mas não sinonímia absoluta. A *recategorização* (Marcuschi e Koch, 2006) é um tipo de remissão baseada em inferência fundada em algum aspecto co(n)textual antecedente, não é cossignificativo e não envolve necessariamente correferenciação (RONCARATI, 2010, p. 52).

Vejamos em um excerto de uma página do IG, as respectivas categorias de análise utilizadas pelo redator:

Texto 01²

² A partir de agora, todas as fontes acerca dos discursos transcritos da página do IG estarão localizadas no setor de referência deste artigo.



No último debate, realizado pela Band no dia 26, *Marina* havia sido confirmada *candidata* apenas poucos dias antes. Na época, tanto a campanha de *Dilma* quanto a de Aécio procuravam evitar o confronto direto com a *presidiável do PSB*, que ainda capitalizava o clima de comoção provocado pela morte do *ex-governador de Pernambuco Eduardo Campos*. A ordem era não bater demais, até para não correr risco de fortalecer ainda mais a *ex-senadora*.

Nesta noite, tanto a *petista* quanto o *tucano* devem investir com mais força em uma estratégia para expor “contradições” da campanha de *Marina*. As duas campanhas se debruçaram nos últimos dias sobre o programa de governo, que virou centro de polêmica nos últimos dias. Mas a ordem é evitar o confronto direto e os ataques agressivos.

Em terceiro nas pesquisas, *Aécio* deverá explorar contradições não só de *Marina*, mas também fará críticas a *Dilma*. O crescimento de *Marina* deu aos *tucanos* a certeza de um segundo turno, a dúvida é saber se *Aécio* chegará lá, daí a lógica de abrir duas frentes contra *as adversárias* ao invés de se concentrar apenas na *candidata do PSB*, a quem veem como candidatura em ascendência.

Uma das linhas que será usada contra a *ex-senadora* é mostrá-la como *uma candidata com menos experiência administrativa*. Ele tende a explorar pontos como a qualificação de *sua futura equipe de governo* – ele já anunciou Armínio Fraga como *seu futuro ministro da Fazenda* e prometeu tornar público o time completo ainda durante a campanha.

Campanhas de *Dilma* e *Aécio* planejam endurecer as críticas à *Marina*, que tenta consolidar avanço obtido nas pesquisas.

Nesse aspecto, cabe salientar que a operação de *recategorização* é capaz de fazer com que expressões não sinônimas, como é o caso das palavras “presidiável do PSB” e “*ex-senadora*”, transcritas do excerto, criam uma relação de correferenciação, ao apontar semanticidade plástica e heterogênea dos objetos-de-discurso no processo referencial. O que corrobora com a ideia de o escritor dispor de várias possibilidades para marcar elementos de referenciação, isto é, referentes, até mesmo os já apontados, fazendo escolhas de elementos lexicais que inicialmente pareçam ser impraticáveis de relacionar, uma vez que não cossignificam (KOCH e MARCUSCHI, 1998).

A *recategorização* lexical de um objeto, como apontam Apothéloz e Reichler-Béguelin (1995), atua de duas formas: primeiro, não apenas refere (aponta); segundo, predica (modifica) atributos de um objeto. Por conta disso, a expressão referencial poderia ser utilizada a fim de harmonizar o conhecimento manifesto sobre o objeto-de-discurso. Nesse caso, a *candidata* (*Marina Silva*) apontada no texto da página do IG (Texto 01) não é uma *candidata* igual aos demais, mas uma *candidata* que se opõe aos ideais *petistas*, sendo ela uma



“ex-senadora” [petista] (grifo nosso), assim como se opõe à ideologia psdbista, sendo ela uma “presidenciável do PSB” que, em razão dos argumentos expostos, é contextualmente localizada, configurada, apreendida e apresentada como uma “candidata com menos experiência administrativa”.

Nesse caso, a decisão de escolher determinada expressão adequada a um devido contexto pode advir de distintos graus de reformulação daquele significado socialmente reconhecido e consolidado (não estático), uma vez que há sempre a possibilidade de haver uma "recategorização radical" (MONDADA e DUBOIS, 2003) do referente, que faz com que termos não sinônimos partilhem de uma determinada significação.

Pelo exposto, pode-se falar de uma compreensão ampla de anáfora, isso pelo fato de não a situarmos apenas na relação que se estabelece por meio dos pronomes e, ainda, pela repetição do nome. O que implica dizer que nem sempre a relação anafórica sugere cossignificação e correferência, e, por essa razão, o antecedente pontualmente lexicalizado não é um requisito *sine qua nom* da ocorrência anafórica, uma vez que o referente pode assinalar não para um componente lexical em particular, mas apontar para uma parte ou partes do texto, encapsulando³ e procedendo a um ajuizamento da informação. É esse tipo de passagem anafórica, que admite a recategorização (de componentes particulares do texto ou porções do texto) por expressões nominais, que é enfatizada neste estudo.

Ainda sobre correferência, Adam (2011, p. 132) menciona que a “correferência é uma relação de identidade referencial entre dois ou mais signos semanticamente interpretáveis, independentemente um do outro.” Como exemplo, o autor usa um texto que trata da morte de um *bebê* que caiu de um prédio. No desenrolar do texto, o termo *bebê* recebe vários referentes, tais como o *menininho*, *um menininho*, *o garotinho*, *a criança*, *sua fralda*, *sua mãe*, *seu ursinho*, *ele*. O respectivo autor alude que

Todas as retomadas assinaladas em negrito estão ligadas por relações de correferência e, por isso, são semanticamente complementares, por exemplo, O **menininho** define o sexo do **bebê**, e quando **criancinha** e **garotinho** aparecem, a identidade do referente não muda (ADAM, 2011, p. 132).

³ Essa concepção é preconizada pelos os teóricos mencionados neste tópico.



Para o autor citado, as relações semânticas de correferência são ditas anafóricas, na medida que a interpretação que um significante depende de um outro, presente no contexto esquerdo (anáfora) ou em outro contexto (catáfora). O que não acontece na recategorização, em se tratando da interpretação semântica entre os significantes.

Pelo exposto, com o conceito de Koch (2005), epigrafado na abertura deste tópico, já se prenuncia que a concepção de referenciação que será defendida na pesquisa não será simplesmente a da palavra escrita/falada, ou simplesmente qual referência poderá ter-se entre esta e as coisas do mundo, o que confirma a ideia de que a interconexão entre as palavras e estas coisas no mundo não acontece de forma aleatória, direta ou ingênua, mas depende de um contexto de enunciação em que os interlocutores envolvidos interagem de forma sócio histórica em um contexto específico. Nessa mesma linha de pensamento, Barros (2005, p. 58) enfatiza que o “efeito entre realidade e referente é uma ilusão discursiva de que o discurso copia o real”.

Esse pensamento confirma a afirmação de Mondada e Dubois (2003, p. 20) de que não se trata de “uma relação de representação das coisas, ou do estado de coisas, mas a uma relação entre o texto e a parte não linguística da prática em que ele é produzido e interpretado”, o que, para as autoras, significa que as “práticas não são imputáveis a um sujeito cognitivo abstrato, intencional e racional e solitário no mundo, mas uma construção de objetos cognitivos e discursivos na intersubjetividade das negociações”, considerando esse aspecto a relação indireta entre os discursos e o mundo.

Dessa maneira, este texto toma como base a concepção defendida por Mondada e Dubois (2003, p. 21), quando discute acerca da “importância concedida à dimensão intersubjetiva das atividades linguísticas e cognitivas, responsáveis pela produção da ilusão de um mundo objetivo, pronto para ser percebido cognitivamente pelos indivíduos racionais”. Tudo isso porque, embora se possa nomear um determinado objeto hoje, e boa parte dos usuários fazem uso desse referente para indicar aquele objeto, bem sabemos que tal nome, utilizado para fazer uma descrição desse objeto, muda. Isso porque o mundo é mutável. Mudando o mundo, muda a língua; mudando a língua, o seu povo também muda. Essa variabilidade é de ordem sincrônica e diacrônica. Por exemplo, um político pode ser



caracterizado como de esquerda, de direita ou coletivo (misto), dependendo do ponto de vista ideológico sobre o qual o político posiciona-se e como seu interlocutor ideologicamente se posiciona em um contexto social. A saber:

... Marina Silva é a personificação da *esquerda* “caviar”...

Marina Silva é de *direita*...Marina Silva fez parte de uma manobra da *direita* que buscou se apoiar ...

"Nem direita, nem esquerda", ... Mais ainda: um partido que não seja necessariamente de situação ou de oposição sistemática, e que saiba promover causa *coletiva* (o bem comum) acima de seus interesses imediatos...

Conforme Mondada e Dubois (2003, p. 23), “essas variações no discurso poderiam ser interpretadas como dependentes da pragmática da enunciação, mais que da semântica dos objetos. Afetando, assim, mais o objeto social do que os objetos psíquicos”.

Ainda ancorados nas postulações de Mondada e Dubois (2003), observamos a dimensão pragmático-discursiva, para quem a relação linguagem/realidade supõe uma relação com a exterioridade, em que o mundo não representa um decalque da linguagem, mas se trata de algo (re)construído por meio dela, a partir do entendimento, e/ou postulação teórica da língua como instrumento de interação social, e do sujeito como produtor ativo de sentido.

Seguindo a mesma linha de pensamento, Koch (2003b, p. 228), apoiada nas discussões de Apothéloz e Reichler-Béguelin (1995), afirma que

De maneira geral, argumentaremos [...] em favor de uma concepção construtivista da referência [...]; assumiremos plenamente o postulado segundo o qual os chamados objetos-de-discurso’ não preexistem ‘naturalmente’ à atividade cognitiva e interativa dos sujeitos falantes, mas devem ser concebidos como produtos fundamentalmente culturais desta atividade (KOCH, 2003, p. 228).

Nessa linha de pensamento, surge a concepção de que há uma instabilidade de categoria do discurso, postulada por Mondada e Dubois (2003). Para refletir sobre a respectiva instabilidade e dar exemplos práticos dessa reflexão, as autoras fazem uso da palavra “piano”, caracterizando-a como: i) instrumento musical, em um concerto ou ii) móvel



pesado e incômodo em uma mudança. Além desse exemplo, as autoras fizeram uso de uma pesquisa de Labov (1978) para demonstrar a evolução de formas usadas para referirem-se a determinada vasilha, como é o caso de xícara, copo e tigela.

Para explicar, as respectivas pesquisadoras enfatizam que o contexto de uso pode determinar o delineamento. Relatam ainda que essa vasilha em um contexto em que se bebe café pode ser chamado de “xícara”, mas se seu conteúdo for outro alimento ou sopa será “tigela”, e, quando se tratar de flores, poderia ser “copo” ou “vaso”. Percebe-se claramente o quanto os sentidos escorregam, e seu contexto é que o determinará. Mondada e Dubois (2003) versam que o que pode ser percebido com esse arquétipo é que uma alteração contextual trará interferência na significação referencial e em sua retomada co-textual, ou seja, a instabilidade discursiva está relacionada estreitamente às frequências dos acontecimentos e às práticas sociais:

A instabilidade das categorias está ligada a suas ocorrências, uma vez que elas estão situadas em práticas: práticas dependentes tanto de processos de enunciação como de atividades cognitivas não necessariamente verbalizadas; práticas do sujeito ou da interação em que os locutores negociam uma versão provisória, contextual, coordenada do mundo (MONDADA e DUBOIS, 2003, p. 29).

Além disso, é preciso entender que a instabilidade do objeto não está ligada simplesmente às diversidades individuais, podendo ser apreendida de modo convencional, mas que, de alguma maneira, detém uma relação intersubjetiva com as atividades cognitivas.

ESTRATÉGIAS DE REFERENCIAÇÃO CONSTRUÍDAS AO LONGO DA PÁGINA POLÍTICA DO IG.

Na página do IG, publicada no dia 02 de setembro de 2014, encontramos o seguinte texto:

Texto 02

A presidente e candidata¹ à reeleição, **Dilma Rousseff (PT)**, durante o debate com **os candidatos**.

Refletindo a consolidação no cenário eleitoral, Dilma Rouseff (PT) mudou o



foco de seus ataques para **Marina Silva (PSB)** no segundo debate presidencial da disputa de 2014, promovido pelo SBT. **Ambas** têm 34% das intenções de voto, segundo o Datafolha **Aécio Neves (PSDB)**, que tem 15% e está em **terceiro**, havia sido alvo no debate anterior, quando ainda estava na mesma posição mas tinha 19%, de acordo com o Ibope.

Dilma apresentou o projeto de governo de Marina - definido **pela petista** como inviável, por não apresentar de onde virá o dinheiro e como será viabilizado politicamente -, e tentou colar à **adversária** a ideia de que a **pessebista** é contra a exploração do pré-sal, tema ao qual voltou duas vezes no programa.

"Não somos **nós** que escolhemos os bons, quem escolhe os bons é o povo brasileiro", afirmou Dilma, em referência às declarações de Marina de que pretende governar com os melhores quadros de cada partido. "O maior risco que uma pessoa pode correr é não se comprometer com nada. Ter só frases de efeito não basta."

Os ataques ocorreram desde a primeira intervenção de Dilma no debate. No primeiro bloco, **a petista** escolheu Marina como alvo de sua pergunta - e não **Aécio**, como fizera na semana anterior. Ao perguntar, acusou **a candidata do PSB** de não dizer de onde tirará o dinheiro para cumprir suas promessas, como a de destinar 10% da receita bruta à saúde. E acrescentou:

"Eu acho incrível que a **senhora** abandone o pré-sal."

No segundo bloco, **a petista** aproveitou uma pergunta de um jornalista sobre a origem dos recursos que Marina recebeu a título de palestras para acusá-la, indiretamente, de falta de transparência.

"Eu acredito que, quando se assume um cargo público, a transparência é uma necessidade", disse Dilma.

A presidente voltou a questionar Marina no terceiro bloco, quando teve nova oportunidade, e insistiu na sugestão de que a candidata do PSB é contra o pré-sal.

A presidente, entretanto, disparou também contra Aécio Neves, quando comentou uma pergunta feita ao **tucano** sobre corrupção. **A petista** retomou o apelido de "engavetador geral da República" para se referir ao procurador-geral da República Geraldo Brindeiro, que atuou no governo FHC.

Dilma também voltou a usar ironia - como fizera no primeiro debate - ao chamar Aécio de desinformado após o tucano dizer que o governo federal não tinha apoiado projetos de mobilidade urbana em Minas Gerais e em São Paulo, **Estados governados pelo PSDB**.

A construção do processo de referenciação é feita de três formas: introdução do referente (ativação), retomada (manutenção) e desfocalização. Discorreremos sobre esses processos ou estratégias dos quais o escritor faz uso do ato de fazer referência. O primeiro, usado na intenção de inserir um foco no referente; o segundo, para manter o foco dado ao referente; e, por último, para retirar o foco desse referente, atribuindo, por assim dizer, a outro objetode-discurso.



A INTRODUÇÃO DO REFERENTE

Ao falar de introdução do referente, Koch (2008, p. 125) diz que “um "objeto" até então não mencionado é introduzido no texto, de modo que a expressão linguística que o representa é posta em foco, ficando esse "objeto" saliente no modelo textual”. É o que se percebe, por exemplo, no uso das palavras grafadas em cor vermelha como objeto de referenciação a “Dilma Rousseff (PT)” e seus respectivos referentes ao longo do texto, assim como, de igual modo, como os objetos-de-discurso, termos em verde, que fazem referência a “Marina Silva (PSB)” e elementos lexicais referentes a “Aécio Neves”, que, ao longo do texto, são introduzidos. Por exemplo, as expressões “a presidente e candidata” (linha 1) e “petista” (linha 10) são introduzidas no texto de modo que levam a palavra “Dilma Rousseff” a receber um determinado foco. Igualmente acontece com as palavras “terceiro” (linha 7) e “tucano” (linha 36) que são introduzidas para recuperar a referência do objeto-de-discurso “Aécio Neves” e, ainda assim, as expressões “adversária” (linha 12), “pessebista” (linha 13) e “a candidata do PSB” (linha 23), introduzidas no texto em análise, surgem para fazer referência à candidata Marina Silva.

Koch, em suas discussões (2008, p. 127) e (2004, p. 64), esclarece que a introdução do referente textual acontece por dois processos: ativação ancorada e ativação não-ancorada. Afirma ainda que a introdução será “não-ancorada quando um objeto-de-discurso totalmente novo é introduzido no texto, passando a ter um "endereço cognitivo" na memória do interlocutor. Quando representado por uma expressão nominal, esta opera uma *categorização* do referente”, que é o que acontece nos elementos em destaque no texto em estudo. Cavalcante (2011, p.122) enfatiza que há dois tipos de introdução de referentes: “as que estão e as que não estão relacionadas a algum elemento no co-texto”. Lembra que “quando não há relação com nenhum outro referente do texto, dizemos que se trata de uma introdução referencial pura, mas, quando há pelo menos uma "âncora" (um elemento anterior ao qual a expressão referencial está associada), chamamos de anáfora indireta”.

DO PROCESSO DE RETOMADA



Esse modelo de estratégia, conforme Koch (2004, p. 62), compreende-se, de forma geral, como “um nódulo já presente na memória discursiva e é reintroduzido na memória operacional, por meio de uma forma referencial, de modo que o objeto de discurso permanece saliente (o nódulo continua em foco)”. A retomada é do mesmo modo como manutenção, reconstrução ou reativação. A expressão “pela petista” (linha 10 no texto em análise), exemplifica uma retomada. Inclusive esse ato de apontar (dêixis) a exemplo do referente “petista” serve como retomada, uma vez que reativa o objeto textual que havia perdido o foco com o surgimento de um novo objeto “o projeto de governo de Marina Silva”. O que confirma o pensamento de Koch (2008, p. 38) para quem a respectiva de reconstrução “é a operação pela manutenção em foco (...) de objetos previamente introduzidos, dando origem às cadeias referenciais ou coesivas, responsáveis pela progressão referencial do texto”. Essa autora enfatiza que essa estratégia de referenciação pode dar-se por meio de recursos gramaticais e lexicais⁴.

Tanto Roncarati (2010, p. 390) quanto Marcuschi e Koch (2006) enfatizam que as expressões definidas podem apresentar as seguintes configurações estruturais:

Determinante + modificador + Nome + Modificador
Determinante (artigo definido, demonstrativo, Ø)
Modificador (adjetivo, sintagma proposicional e oração relativa).

Como é o caso, por exemplo, da expressão “a presidenciável do PSB” (excerto transcrito do texto 01):

No último debate, realizado pela Band no dia 26, *Marina* havia sido confirmada *candidata* apenas poucos dias antes. Na época, tanto a campanha de *Dilma* quanto a de *Aécio* procuravam evitar o confronto direto com *a presidenciável do PSB*, que ainda capitalizava o clima de comoção provocado pela morte do *ex-governador de Pernambuco Eduardo Campos*. A ordem era não bater demais, até para não correr risco de fortalecer ainda mais a *exsenadora*.

⁴ Koch compreende como recursos gramaticais: “pronomes, elipse, numerais, advérbios locativos”; e como lexicais: “reiteraões de itens, sinônimos, hiperônimos, nomes genéricos, expressões nominais, etc.”



Para Koch (2008, p. 38), as *descrições nominais definidas* caracterizam-se em operar por uma seleção e por tratar-se de uma ativação de conhecimentos pressupostos como compartilhados com interlocutores. Vejamos, na íntegra, o que analisa a autora:

As expressões ou descrições nominais definidas, formas linguísticas constituídas, minimamente, de um determinante definido (artigo definido ou pronome demonstrativo) seguido de um nome, caracterizam-se por operar uma seleção, dentre as diversas propriedades caracterizadoras de um referente - reais, co(n)textualmente determinadas ou intencionalmente atribuídas pelo locutor -, daquelas que, em dada situação de interação, são relevantes para os propósitos do locutor (Koch 1984, 1989, 1992, 1997). Trata-se, em geral, da ativação, dentre os conhecimentos pressupostos como compartilhados com o(s) interlocutor(es), (isto é, a partir de background tido por comum) de características ou traços do referente que o locutor procura ressaltar ou enfatizar segundo suas intenções (KOCH, 2008, p. 38).

Vejamos um exemplo transcrito da Página Política do IG, publicado no dia 17/10/2014:

Texto 03

Marina Silva teve seu primeiro ato público ao lado de Aécio Neves depois de oficializar o apoio ao tucano para o segundo turno das eleições presidenciais na manhã desta sexta-feira (17), em São Paulo, e surpreendeu a todos com um novo visual.

Marina abandonou o tradicional coque, usado nas corridas eleitorais de 2010 e 2014, e adotou um rabo de cavalo para prender os cabelos, lembrando os tempos que era ativista ambiental no Acre. A ex-senadora usou uma gripe para justificar o penteado.

"Nesses dias eu fiquei gripada e vocês sabem que uma pessoa gripada não pode prender os cabelos molhados", explicou. O novo visual surpreendeu os presentes e foi o único tema sobre o qual a ex-senadora admitiu ser questionada durante o evento nesta manhã em São Paulo.

No texto em destaque, dois objetos de discurso são apresentados com uma ênfase maior: “Marina Silva” e “um novo visual”. O primeiro objeto aparece logo no início do texto (linha 05), sendo retomado por meio da expressão nominal (linha 07), quando o redator faz uso da expressão “a ex-senadora”. No que se refere ao segundo objeto de discurso, “um novo visual” (linha 04), o redator (na linha 05) faz uso da expressão nominal “o tradicional coque”, e (na linha 10) da expressão “O novo visual”, para ativar tal objeto do discurso mencionado logo no início do texto. Além dessas retomadas, são reconhecidas outras, como reiteração do



item “Marina” (linha 05), expressões indefinidas, tais como “um rabo de cavalo” (linha 06), “uma pessoa gripada” (linha 09), assim como as elipses, como no caso das que aparecem nas linhas 04, 06 e 09, em que os verbos fazem indicação do sujeito “ela”, referindo-se a “Marina Silva”, e, no caso da linha 09, o verbo concorda com o pronome “eu” em uma fala da “Marina Silva”, usada pelo redator em forma de discurso direto da Marina.

A DESFOCALIZAÇÃO

Como exposto inicialmente, baseado teoricamente no que apresenta Koch e Elias (2006, p. 125), “um novo objeto-de-discurso é introduzido, passando a ocupar a posição focal. O objeto retirado de foco, contudo, permanece em estado de ativação parcial *stand by*”. Embora isso seja possível, o respectivo objeto “continua disponível para utilização imediata sempre que necessário”. Ocorre que o objeto introduzido no modelo textual perde o foco, cedendo lugar a outro que se projeta no foco discursivo. É preciso, em todo caso, compreender que o objeto que se “perdeu” não é excluído definitivamente do texto, mas que, estando em *stand by*, possa textualmente ser refocalizado. Vejamos o exemplo:

Texto 04

Dilma abre 8 pontos de vantagem e vai a 54% contra 46% de Aécio, aponta Ibope

Faltando três dias para o segundo turno, o Ibope divulgou na noite desta quinta-feira (23) nova pesquisa sobre a corrida presidencial. De acordo com o levantamento, a presidente e candidata à reeleição pelo PT, Dilma Rousseff, tem 54% dos votos válidos contra 46% de Aécio Neves, presidenciável do PSDB.

Em votos totais, que levam em conta os eleitores ainda indecisos e votos em branco e nulos, a petista tem 49% e o tucano marca 41%.

Na pesquisa anterior, divulgada em 15 de setembro, os dois candidatos ainda apresentavam situação de empate técnico. Na ocasião, Aécio registrava 51% dos votos válidos contra 49% de Dilma. Nos votos totais, o tucano tinha 45% e Dilma, 43%.

Vejam que o objeto-de-discurso “Pesquisa”, introduzido no texto, na segunda linha do primeiro parágrafo, com a expressão “nova pesquisa”, é retomado seguidamente na linha



3, entretanto outros objetos de referência são introduzidos ao longo do texto, ficando o objeto em análise no estado de espera – *stand by*. O surgimento de novos objetos, instituídos nas expressões “Dilma Rousseff”, “Aécio Neves” e “votos” recebem o foco, tornando aquele objeto desfocalizado. Assim, a expressão “Na pesquisa anterior” (linha 10) reativa aquele objeto, reavivando seu valor discursivo, outrora esquecido devido ao surgimento de outros objetos referenciais.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os textos que serviram como *corpus* para este artigo têm demonstrado que a escolha feita do léxico nos textos, com intuito de referenciar os objetos-de-discurso, imprime características linguísticas capazes de esclarecer ao leitor quais os propósitos comunicativos do redator. O redator atua sobre o material linguístico, demonstrando ênfase naquilo que defende, sobretudo amparado nas opiniões que o auxiliam na construção de sentido do texto. Nesse aspecto, cabe salientar que a compreensão do propósito comunicativo faz-se necessária para um entendimento da leitura proficiente da página de Política do IG, considerando, principalmente, sua natureza opinativa. Ao compreender o propósito comunicativo, o leitor pode fazer ponderações discursivas, intervindo, posicionando-se e tecendo críticas sobre os questionamentos ali presentes. Daí, é importante afirmar que a ausência dessa percepção é capaz de tornar a leitura superficial, além de anular a essência daquilo que a página propõe.

A partir das análises dos textos, foi possível perceber que as hipóteses elencadas pelos estudos da referência são capazes de oferecer suporte ao profissional da área de leitura e escrita e aos seus leitores, a fim de que possam atuar de maneira que o seu desempenho resulte melhorias no que diz respeito aos processos que se relacionam à linguagem. Nesse aspecto, é possível inferir que a referência está relacionada ao macro nível do texto, ao lado de pontos relacionados à construção do eixo temático e à organização e estrutura textuais, de maneira que o texto possa tornar-se coeso e coerente.

Assim, uma ação que tenha como objetivo as questões peculiares aos usos de rudimentos de referência textual, necessita, acima de tudo, da busca em compreender de que maneira o escritor arregaça recursos disponíveis no instante da produção para, a partir de um enfoque sociocognitivo, passe a gerir o processo de (re)construção de objetos-de-



discurso. Diante do exposto, cabe salientar que a competência leitora e escrita diz respeito a algo que precisa ser construído, principalmente em uma prática social significativa e por meio de reflexões em torno do objeto do conhecimento.

REFERÊNCIAS

- ADAM, J.M. **A linguística textual: introdução à análise textual dos discursos**. São Paulo, Cortez, 2011.
- APOTHÉLOZ, D. Papel e funcionamento da anáfora na dinâmica textual. In: CAVALCANTE, M. M. & RODRIGUES, B. B; CIULLA, Alena. (Orgs.). **Referenciação**. São Paulo, Contexto, 2003.
- _____ & REICHLER-BÉGUELIN, M. J. 1995. Construcion de la référence et stratégies de designation. In: A. Berrendonner & M. J. Reichler-Béguelin (Eds.). **Du syntagme nominal aux objets-de-discours: SN complexes, nominalisations, anaphors**. Institute de Linguistique; Université de Neuchâtel. Suisse: (TRANEL), n°23, p. 227-271.
- BARROS, D. L.P. **Teoria Semiótica do Texto**. São Paulo, Editora Parma Ltda, 2005.
- CAVALCANTE, M. M. **Referenciação: sobre coisas ditas e não ditas**. Fortaleza, EDUFC, 2011.
- CAVALCANTE, M. M. Leitura Referenciação e Coerência. In: **Ensino de Língua Portuguesa: oralidade, escrita e leitura**. (orgs) Elias M.E. São Paulo, Contexto, 2014.
- KOCH, I. G. V. **O texto e a construção dos sentidos**. São Paulo, Contexto. 1997. p. 11-57.
- _____. **Introdução à Linguística textual**. São Paulo, Ed. Martins fontes, 2004.
- _____. **Referenciação e Discurso**. São Paulo, CONTEXTO, 2005b.
- _____ & ELIAS, V. M. **Ler e Compreender os sentidos**. 2. Ed. São Paulo, Contexto, 2006.
- _____. **As tramas do texto (Série Dispersos)**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2008.
- MARCUSCHI, L. A Referenciação e Progressão Tópica: aspectos cognitivos e textuais. In: **GELNE – XVII Jornada do grupo de Estudos Linguísticos do Nordeste**, vol. 19, n° 19, p. 170 - 220, UFC, Fortaleza: setembro de 1999.
- _____. **Processos de Referenciação na Produção Discursiva**. São Paulo, Revista DELTA, vol.14, n° especial, 2000, p.169-190.
- _____. **Referência e cognição: o caso da anáfora sem antecedente**. Trabalho apresentado no Encontro de Linguística. Juiz de Fora, UFJF. dez. 1998.



_____. A Anáfora Indireta: o barco textual e suas âncoras. In: **Referenciação e Discurso**. (orgs) KOCK, I. V, MORATO, E. M. e BENTES, A. C., São Paulo, Contexto, 2005.

_____. **Produção textual, análise de gêneros e compreensão**. São Paulo, Parábola, 2008, p. 50-61.

_____. KOCH, I. V.G. Estratégias de referenciação e Progressão referencial na língua falada.

In: **Gramática do Português Falado**. Vol. VIII: Novos Estudos Descritivos. 1. ed. Campinas: Editora da UNICAMP/FAPESP, 2002.

MONDADA, L.; DUBOIS, D. Construção dos objetos de discurso e categorização: uma abordagem dos processos referenciais. In: CAVALCANTE, M. M. et al. (orgs.) **Referenciação**. São Paulo, Contexto: 2003. p. 17-52.

RONCARATI, C. **As Cadeias do Texto**: construindo sentidos. São Paulo, Parábola, 2010.

Ultimosegundo.ig.com.br/ 2014, debate de presidenciáveis terá tom mais duro e comparações de projetos. Disponível em: <http://ultimosegundo.ig.com.br/politica>. Acesso em:09/04/2014.